

**D**ETESTO os equívocos. Detesto mais ainda as contravérsias em que cada um fala para seu lado. E como vejo desenhar-se uma e outra destas coisas, começo por fazer algumas rectificações.

O meu «comentário», que Sol Nascente publicou no seu n.º 4, podia reduzir-se ao seguinte: 1.º) dúvida sobre a vantagem

O sr. dr. Abel Salazar parece não se ter ainda compenetrado de que em Portugal tudo o que é novo provoca imediata e infalivelmente a reacção, sob a forma de insulto, de calúnia e de troça, dos imbecis de vária ordem cuja principal característica é anuvorarem em dogma a sua própria ignorância, mallevolência e cabotinismo. Sucede,

# CONTINUANDO A COMENTAR

dum artigo cuja finalidade não se entendia; 2.º) observações sobre a falta de seriedade, de método e de rigôr científicos de certas passagens do mesmo artigo; 3.º) reflexões sobre as consequências dessas faltas, e sua perigosa influência sobre certos jovens.

A «carta» do sr. dr. Abel Salazar publicada no n.º seguinte contém: 1.º) uma longa exposição dos ataques de que tem sido objecto; 2.º) uma apologia das disciplinas científicas que tomou a peito divulgar entre nós.

Ora bem: veja o leitor o «comentário» e a «carta», e, depois de verificar a exactidão dos respectivos resumos, constatará comigo que a «carta» não tem nada que vêr com o «comentário». Cito um período dêste último: «Que o sr. dr. Abel Salazar defenda a Ciência, ou certas ciências em particular, está muito bem, e ninguém lhe irá à mão por isso». Creio que não é preciso mais para comprovar a falta de relação da «carta» com o «comentário» que a provocou.

Eu falei na maneira, a meu vêr deficiente, como o sr. dr. Abel Salazar tem procedido à propaganda de certas disciplinas científicas. O sr. dr. Abel Salazar responde-me defendendo essas disciplinas científicas. Para mais, pela sua «carta» se verificou não terem sido essas disciplinas atacadas por ninguém, como provarei a seguir.

Poderia ficar por aqui, visto considerar suficientemente demonstrado que a nenhuma das minhas afirmações se responde na «carta» do sr. dr. Abel Salazar; mas como a «carta» me é dirigida, acrescento as considerações que ela me sugeriu.

porém, que os ataques que menciona, e que documenta com alguns dos jornais que teve a gentileza de me enviar, constituem um caso particular, não estando na sua origem a simples reacção já apontada; surge a justificá-los a necessidade em que estão os cães de ladrar a quem não é da casa. Já não se trata de coisas novas trata-se... do que muito bem sabe o sr. dr. Abel Salazar. Ora, quando passa junto do portão de qualquer quinta, o sr. dr. Abel Salazar responde ao cão que lhe ladra lá de dentro? Não responde, é claro—passa adiante, pensando que os ensinaram a ladrar, e que lhe atiram um osso em paga do serviço. Ora quere-me parecer que no caso presente o sr. dr. Abel Salazar dá confiança de-mais aos... cães, como se os latidos fôsem vozes. Quando, no meu «comentário», escrevi: «Só um imbecil seria capaz das afirmações atribuídas pelo sr. dr. Abel Salazar aos... tais», fiz afinal um diagnóstico exacto... embora não pensasse ter feito senão uma hipótese. Que nos mostra a «carta»? Que todas as campanhas de que tem sido vítima não foram feitas por adversários mas sim por... inimigos; que os seus autores não analisaram, não criticaram as teorias, os sistemas, os pontos de vista defendidos pelo illustre professor, e se limitaram a... calúnias, insultar e troçar. E' ou não é assim? Não foi portanto a Psico-Somática, não foi a caracterologia, não foi a Escolla de Viena, não fôram idéas nem sistemas que essa campanha teve em vista atacar. Elas serviram apenas de pretexto, como teriam servido quaisquer outras.

O ataque era doutra espécie, e estranho que o sr. dr. Abel Salazar não tenha dado conta disso, e os tenha tomado a sério. A esses plúmíticos, a esses escribas pagos a tanto por calúnia, não importava o espírito nem a matéria, nem o espiritualismo nem o materialismo.

Resumindo: a «carta», e os jornais enviados, mostram que tais ataques não eram sérios. Bom. Porque os tomou então como se o fôsem? Eis sem dúvida um ponto delicado, e receio dar a impressão de estar aconselhando; longe de mim tão ridícula pretensão! E' certo porém que me confrange ver que a calúnia teve efeito, e que S. Ex.ª foi autenticamente ludibriado, a ponto de se lhe referir, de lhe responder—como se se pudesse responder àquilo! Pergunta-me: «acha isto justo? acha isto legítimo e decente?» Evidentemente que não acho! Mas acho... como dizer?... vamos lá: inevitável. Sim, inevitável, fatal. Acho até... natural.

Espero que o sr. dr. Abel Salazar me acredite se lhe disser que certas passagens da sua carta me impressionaram, me... comoveram, mesmo; principalmente esta: «Confesso... que me sinto desiludido e vexado com tudo isto. Saí do meu campo de trabalho com intuítos sinceros e legítimos, e vejo-me de repente no meio da bambochata pseudo-intelectual mais grotesca que se pode imaginar». Com efeito, o sr. dr. Abel Salazar dá-me a impressão dum homem que se tinha esquecido de que vivia nesta santa metrópole da confusão das idéas com as questões pessoais, da vida do espírito com as paixões políticas—e que de repente acorda e não comprehende como pôde motivar semelhante charivari. Pois o mal foi esse, foi não ter contado com essas coisas, foi não ter partido do princípio de que seria vítima de tais processos, de tais misérias. O sr. dr. Abel Salazar caiu—que não me leve a mal a expressão—caiu da lua. A «lua» era o seu gabinete de trabalhador infatigável. Se já soubesse o que são certos meios não chegaria, sequer, a dar ouvidos à canzoada.

Pôsto isto, acho indispensável pôr os pontos nos ij com respeito a certas passagens da «carta». Fazendo o que, não faço senão prolongar e desenvolver afirmações contidas já no meu «comentário».

Nota, em primeiro lugar, que, ao propôr-se ensinar aos portugueses certas coisas que eles ignoravam, o sr. dr. Abel Salazar desprezou um factor de capital importância: não teve em conta as condições intellectuais do nosso país. Pois estaria este preparado para embender o que lhe era propôsto? Incluída meia dúzia de especialistas, de quem

p o r A d o l f o

podia esperar atenção e compreensão? Onde estava o público com a preparação necessária para—sequer!—o entender? Porque se tratava de problemas e de concepções que só podiam ser entendidos por quem já tivesse uma preparação especial, científica e filosófica. O sr. dr. Abel Salazar procedeu como se esta existisse, como se houvesse público capaz de o seguir nas suas exposições. Acresce isto, que não é menos importante: os artigos e os ensaios de S. Ex.<sup>a</sup> raramente são acessíveis senão a uma reduzidíssima minoria. E não o são por dificuldade inerente aos assuntos, mas devido a não possuir o seu autor um certo número de qualidades que não se dispensam naquelas que pretender divulgar seja o que for para o grande público. Não só a actividade do sr. dr. Abel Salazar é muitíssimo ametódica, caótica até, como também os seus trabalhos se caracterizam por uma redacção apressada, pela dispersão e falta de seqüência no desenvolvimento das idéas expostas. Parece-me pois que o primeiro responsável pelo insucesso de que se queixa é o sr. dr. Abel Salazar.

Mas há mais. O sr. dr. Abel Salazar, como se viu, queixa-se da troça, do insulto e da calúnia.

Mas esquece-se de que se tem servido, para combater outros, dessa troça e dêsse insulto que quando applicados à sua pessoa a tal ponto o indispõem. Aqui fica um exemplo: diz na sua carta que foi «metido a ridículo num artigo de 4 colunas, por «querer fazer da ciência uma bola de futebol». Pois bem: no n.º 80 da revista **Pensamento**, escreveu o sr. dr. Abel Salazar que Leonardo Coimbra «jogava o futebol com os conceitos filosóficos». (Não quero falar aqui dêsse artigo, que, sendo muito benévolo, ninguém pode classificar senão como vergonhoso—vergonhoso para quem o escreveu, confundindo ciência com a satisfação de ódios pessimalíssimos. Ficamos por aqui!)

Outro exemplo: num dos jornais que o sr. dr. Abel Salazar me enviou, encontro esta passagem da sua autoria: «Por fim temos uma última classe de **Metafísica**, aquela em que um núcleo conceitual pobre e sem sentido lógico procura disfarçar as suas misérias à custa de roupagens literárias ou de pretensões idiotas. Esta metafísica nem é filosofia nem arte, mas simples mescla mal cosinhada de uma coisa com outra: tal é o famoso sr. Heidegger, um dos pontífices dêste género duvidoso na moderna Alemanha, e, entre nós, o pobre sr. Pascoais com o seu po-bríssimo S. Paulo» (-). «Disfar-

çar as suas misérias», «pretensões idiotas», serão expressões próprias para se falar da **desgraçadinha da metafísica**? E o famoso sr. Heidegger será maneira **decente** de mencionar um filósofo que é reconhecido como um dos maiores do nosso tempo? E que culpa terá Teixeira de Pascoais de ter escrito um livro que desagradou ao sr. dr. Abel Salazar? Por tão pouco se esqueceu de que se estava referin-

P. S.—No mesmo número de **Sol Nascente**, o sr. Carlos de Sousa Estrada declara, heróica e ingenuamente, que se considerava «**incluído no número daqueles**» «que por dá cá aquella palha atiram à cabeça (dos demais) com meia dúzia de termos técnicos», etc. Creio que não há mais nada a dizer-lhe do que... se enfiou a carapuça é porque ela lhe serviu. Parece-me portanto que em vez de **presente**

# A PROPOSITO DUMA CARTA DO SR. DR. ABEL SALAZAR

do a um dos maiores poetas portugueses? «O pobre sr. Pascoais!! Eu còro de vergonha pelo sr. dr. Abel Salazar ao transcrever esta expressão.

Pois bem: poderia citar inúmeros exemplos do mesmo teor—e outros de teor ainda mais grave. A verdade é que—e nada mais pretendo mostrar—o sr. dr. Abel Salazar não deixa de usar a troça e o insulto quando assim lhe apetece ou convém. E' triste, mas é assim mesmo. Li muitos artigos do sr. dr. Abel Salazar antes de chegar às conclusões atrás expostas. E confesso que os li na esperança de desfazer uma impressão desagradável que me ficara da leitura de alguns dos seus escritos. Em vão. E o que escrevi agora, e no anterior «comentário», não é tudo o que poderia dizer, porque me restringi apenas aos aspectos do caso agora trazidos a terreiro.

Não quero concluir sem registar o seguinte: que não saberei agradecer suficientemente o tom da carta que me dirigiu o sr. dr. Abel Salazar. Há nela uma sinceridade e uma honestidade que mais desagradável me tornam ter de afirmar opiniões que a «pessoa moral» do sr. dr. Abel Salazar me faz lamentar ser preciso trazer a público.

Substituindo ainda noutro ponto: espero que ninguém se lembre de **descobrir** que ataquei a Psico-Somática, a caracterologia e a Escola de Viena. E' natural que o faça em breve com relação a esta última, mas não é do que se trata nesta ocasião.

muito mais lhe valeria ficar ausente...

O sr. Sousa Estrada foi infeliz, foi ingénuo. Mas, que diabo!, para que vem cantar loas à **Caracterologia**? Julga que eu tenho tempo para jogar a cabra-cega consigo? Assim até me dá razão de-mais. Guarde as suas explicações para quem contestar a importância da **Caracterologia**.

Aponte-me uma única palavra minha que, sequer, possa sugerir que a «ataquei». Ora procure, que eu bem sei que não encontra.

Para outra vez será melhor ler com mais atenção, e só **responder** depois de o ter feito.

Vislumbra-se neste caso um fenómeno psicológico bem interessante, no qual se vê o homem de ciência, ou quem pretende sê-lo, identificar-se com a «sua» ciência, não distinguir entre ela e a maneira como a comenta, propaga, etc. E', pelo visto, vulgar entre os discípulos do sr. dr. Abel Salazar, pelo que não felicito, nem a êste, nem aêquelles.

A. C. M.

P. P. S.—Agradeço ao sr. Carlos de Sousa Estrada o favor de me informar se se entende comigo o penúltimo parágrafo do seu artigo. (A resposta pode ser por via particular). Como o artigo me é dirigido, seria lícito concluir pela firmativa. Mas como não vejo ali nada que se possa aplicar ao que affirmei, tenho de, provisoriamente, me ficar pela negativa.

(-) In O Trabalho, n.º 137.